

Miopia cancerígena

Rafael M. G. Reis

Miopia cancerígena
mil vezes deslocada
no desabrochar da poesia

(nada na noite trovejante
além dos gritos do parto
do último rinoceronte

majestade animal
seu chifre cravado
um punhal

canoro

de onde vem o grito brutal?
Ignoro.
Nos seus olhos
lacrimejantes
sou eu que choro)

A cauda do escorpião erguida contra os gritos do vento:

– eu sou o corpo elétrico
fragmentado e espalhado
em todo lugar onde me habito:
sou o excesso de não sentido –

mas a reta geométrica passa indiferente,
desafiando o equilíbrio da paisagem

No momento em que
(eu não estava aqui)
as folhas balançavam furiosamente

inexplicável urgência de –
(alguém viu o amor?)
tempo e espaço coexistem neste ponto

apesar de tudo dizer
(o frio de um outono sombrio)
as flores continuam a crescer

é uma força maior
(a gangrena se espalha pelo corpo)
as crianças brincando no arco-íris

potência desmedida:
(o corte seco do machado)
as pétalas se abrem contra o espaço

era uma vez
(o amor mutilado)
uma vida inteira no instante.

Subiu como um soluço –
súbito

e atravessou minha garganta como um espinho.

Engoli seco
e senti o gume gelado de uma palavra furiosamente
cortante
maior que minha boca.

O esôfago dilacerado
seus pedaços balançando:
uma cortina ao vento.

Uma calma inesperada:
algo cresce dentro de mim
queimando meu estômago
expandindo os limites do meu corpo:
– estou grávido de algo que desconheço
mas sua existência cancerígena me basta.